

António Maria Coelho



Há umas semanas atrás morreu com silicose António Maria Coelho. Tinha 83 anos. Foi mineiro em Aljustrel e na Panasqueira, foi preso e espancado pela PIDE, andou por feiras, mercados e tabernas vendendo a voz em folhas com *quadras* impressas. Um dia, vínhamos de Loulé, perguntei-lhe o que era isso da poesia. Respondeu-me com uma frase que nunca esquecerei,

Enquanto houver miséria, haverá poetas. (...) Se pudéssemos sintetizar tudo aquilo que escrevemos (neste livro) numa pequena frase, a resposta do meu Amigo António Maria Coelho seria a mais forte, a mais triste e a mais sincera síntese.

Paulo Lima
Portel, Fevereiro de 2004¹

ANTÓNIO MARIA COELHO²

Poeta popular.

É natural de Aljustrel, mais especificamente de Corte Vicente Anes. Faz parte da Associação dos Poetas Populares Alentejanos. Os seus versos e quadras são sempre sinónimos do amor à Província Natal, e ao Povo Alentejano. O jeito para se exprimir em versos começou logo a ser uma constante desde os primeiros anos da sua vida. Por isso, não há pessoa que não conheça em terra Alentejanas. Trabalhou nas Minas de Aljustrel dos 18 anos aos 52 anos de idade. Está reformado por invalidez, recebendo apenas mil escudos mensais, pelo que teve que se valer da sua veia poética, vendendo as suas muito apreciadas quadras. Depois de 25 de Abril, a sua popularidade levou a população da sua aldeia a nomeá-lo "Cabo de Ordens".

¹in "Fado Operário no Alentejo, séculos XIX – XX" de Paulo Lima, 2004, ed. Tradisom, Vila Verde, p. 153.

² Texto incluído em "Fado Operário no Alentejo, séculos XIX – XX" de Paulo Lima, 2004, ed. Tradisom, Vila Verde, pp. 318, 325, 338 e 353. Esta nota biográfica é da autoria do próprio poeta.

MOTE

Com ódios e más vontades
Não sei para que andamos
Podíamos viver em paz
Dois dias que nós cá estamos.

I

O ódio é uma vingança
Que nasce na criatura
Que nos leva à sepultura
Sem nos fugir da lembrança
Começam logo de criança
As malditas rivalidades
Atrás vêm as falsidades
Que nos vêm prejudicar
Por isso não devíamos andar
Com ódios e más vontades

II

Se houvesse compreensão
Nunca tínhamos questões
Acudíamos às aflições
De que tivesse precisão
Somos da mesma geração
Uns dos outros precisamos
Todos na vida lutamos
Com imenso desgosto
Com lágrimas sobre o rosto
Não sei para que andamos.

III

Devíamos sempre respeitar
Quem no mundo nos criou
Que o nosso rosto beijou
Tantas vezes a chorar
Não sabemos imaginar
O respeito a falta que faz
Esse imenso cartaz
Gostava eu que o conhecessem
Se todos bem compreendessem
Podíamos viver em paz

IV

Não havia tribunais
Assim nestas condições
Acabam-se as prisões
Amigos para nunca mais
Entre filhos, mães e pais
Tantas vezes que nós erramos
Até os nossos censuramos
Na eterna sepultura
Assim vivemos em amargura
Dois dias que nós cá estamos.

MOTE

Aljustrel terra bonita
Como tu não há igual
Só tu tens a dita
A mais rica em Portugal

I

Teu nome está gravado
Como lenda na história
A tua linda glória
De outro tempo atrasado
Muito tens aumentado
Diz quem te visita
Certa gente não acredita
Olhando às tuas terras
No vale de duas serras
Aljustrel terra bonita

III

Ministros e Doutores
Por ti têm passado
Bastante têm levado
De ti tantos valores
Poetas e cantores
Com poesia erudita
Há igreja e há gurita
Admiram a tua beleza
Terra de grande riqueza
Só tu tens a dita

II

Tens uma linda escadaria
Para a Senhora do Castelo
Um panorama tão belo
A todos dá alegria
Brilha de noite e de dia
Esta santinha afinal
Da sua Ermida real
Vê-se qualquer brejo
És a mãe do Alentejo
Como tu não há igual

IV

És uma vila mineira
Do tempo da mourama
Em todo o mundo tens fama
Para uma vida inteira
Teus filhos com cegueira
Ganham o seu capital
Arrancando o mineral
Nesta terra tão nobre
Tens outro, prata e cobre
A mais rica em Portugal

MOTE

Nas costas do fascismo
No jardim da saudade
Nasceu um cravo lindo
O cravo da liberdade.

I

Os falsos e traidores
Com grande tirania
Roubavam de dia a dia
O pão dos trabalhadores
Os opulentos senhores
Caíram no abismo
Apoiando o Salazarismo
Pelas luzentes vidraças
Fomos assim unindo as massas
Nas costas do fascismo.

III

Os pides nas prisões
Castigaram severamente
Mataram tanto inocente
Em míseras condições
Esses selvagens leões
Pela selva fugindo
O caminho se ia abrindo
Em plena noite escura
Na morte da ditadura
Nasceu um cravo lindo.

II

O coração de um português
Deu ordens ao Movimento
Acabou com o sofrimento
Com orgulho e altivez
Tudo quanto a Pide fez
A vergonhosa barbaridade
Matando a sociedade
O povo cheio de agonia
Criava-se a democracia
No jardim da saudade.

IV

Os piratas dos fascistas
Malvados sem coração
Matavam à traição
Todos os membros grevistas
Traidores egoístas
Sem dó nem piedade
Só existia maldade
Nos agentes do estado novo
Crescia na alma do povo
O cravo da liberdade.

I

Os alegres passarinhos
Em cima dos raminhos
No lindo prado cantando
Sem casa nem guarida
Cantam amarguras da vida
Ouvindo os filhinhos piando.

II

Nos troncos da natureza
Ouço um piar de tristeza
Será fome, sede ou dor
Já adivinha concerteza
A brusca noite de frieza
O passarinho encantador.

III

Não apanhes um passarinho
Porque ele coitadinho
Precisa de liberdade
Quando o veres no caminho
Passa devagarinho
Deixa-o andar à vontade.

IV

As amarguras que há na vida
Nos corações sem consciência
É uma estrada bem seguida
Sem rumo sem saída
À espera de providência.

V

Não ouves os trabalhadores
Lamentando as suas dores
Num sofrimento infernal
Ao lado os carrascos traidores
Opulentos e senhores
Donos do capital.

IV

Soltámos a liberdade
Prendemos os enganadores
Com justa dignidade
Falamos hoje à vontade
A classe dos trabalhadores.